

VOLUME 20
2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 4ª PARTE (EGITO)
11 a 23/12/1876

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Dia 11 de dezembro de 1876 - Às 2 ³/₄ partimos do porto de Gizeh no vapor Feruz (turquesa). Ocaso esplendoroso; as copas das tamareiras pareciam inflamar-se ao contato dos raios do sol. À direita, notei em longínquo plano pirâmides de tijolo formando as “fiadas de Sakarah”. Às 5 ³/₄, ancoramos em Marguna, havendo navegado 22 milhas inglesas.

Dia 12 de dezembro de 1876 - 6 horas da manhã - O sol levante toma o colorido de apagado arco-íris. Egito, diz Heródoto, é um presente do Nilo, que vejo carregar turvas águas sedimentosas vivificadoras da vegetação, adorno das margens.

Às 2 horas, passamos por Beni-Suef, tendo reparado, à direita, na pirâmide de Meidum, a que chamam falsa e composta de dois troncos de pirâmide de base a um terceiro.

Em suas imediações descobriu Mariette Bey as duas estátuas de homem e mulher assentados e com olhos de vidro.

Os cartuchos datam da terceira dinastia (mais de 4 000 aC.)

As cores estão muito bem conservadas, sendo característicos os traços fisionômicos e diferentes dos da estátua de Quefrem, o rei da segunda pirâmide de Gizeh

Quando vim ao Egito pela primeira vez essas duas estátuas ainda não figuravam no museu de Bulaq.

Durante largo espaço de tempo avista-se a pirâmide de Meidum.

Antes das três horas, começam a aparecer, à esquerda e além das colinas, as montanhas de alabastro.

Quase às 4 horas - Passamos por Bibeh, onde a coxilha à margem esquerda adianta-se para o rio, formando um promontório cujo perfil se assemelha à uma escada. Encalhamos esta manhã; somente, porém, durante alguns minutos; o rio deve vazar alguns meses ainda.

A todo instante, sulcam o Nilo os dahabiehs freqüentemente ajoujados por tábuas e transportando grandes medas de forragens. Duas dessas grandes embarcações arvoraram hoje a bandeira inglesa, a proteger viajantes dessa nacionalidade, tanto quanto pude deduzir da aparência dos passageiros.

Leio no guia de Mariette Bey que, com certo cunho de verdade, se atribui a pirâmide de Meidum ao rei Senoferu, predecessor de Queops (o da grande pirâmide de Queops, da IVª dinastia, 4 225 aC.).

Às cinco paramos perto de Fechu, onde as colinas da esquerda vêm morrer no rio, destacando-se-lhes perfeitamente a disposição das camadas horizontais.

A certa distância da barranca direita, percebo as altas chaminés de um dos engenhos centrais de açúcar do Quediva. Já avistara outro do mesmo lado e em frente a Bibeh Pretende Mariette que a pirâmide de Sakarah, de que falei ontem, pode ser atribuída ao rei Uenefes da primeira dinastia (5 000 aC.).

Dia 13 de dezembro de 1876 - Não há dúvida! Estamos no Oriente onde ninguém tem pressa. A custo partimos às 6 ¹/₂. As datas da história do antigo Egito ainda estão muito longe de se tornarem precisas. Para os egiptólogos alemães há uma divergência de 2 079 anos entre os limites da época do primeiro rei Mena (o estável), o Menés dos gregos. O meu amigo Brusch acha que vivia em 4 455 aC.

As montanhas de Ambia apresentam formas estrambóticas; procurei desenhar-lhes os contornos.

Às 12 ¹/₄ contrapunham o minarete de Samalut, sito à margem esquerda, a sua elegância à das tamareiras. Pouco depois, mostraram-me o lugar onde virou, numa lufada, o dahabieh que transportara Campbell e outros ingleses, afogados por não terem conseguido sair do camarote, completamente fechado.

Quase em frente, no cume de um rochedo da margem direita chamado Gebel Teil (montanha dos pássaros) ergue-se o Deir-el-Bakarah, convento da talha; nome proveniente do moitão que servia para suspender os que visitavam o mosteiro.

Habitam-no monges mendicantes que costumam, a nado, pedir o backschisit (esmola). Escapamos dessas visitas.

1.20 – As montanhas da margem direita afastam-se do Nilo em El Baikur, formando uma espécie de anfiteatro.

Às 2 ½ desembarquei em Minieh, pequena cidade, para visitar um dos engenhos do Quediva, grande usina provida de aparelhos Derosnes e Cail, e produzindo anualmente cinqüenta mil quintais de açúcar e quatrocentos mil litros de álcool a 40 graus.

Nesse porto encontramos uma dahabieh com bandeira inglesa e, um pouco a montante, outra que, segundo penso, levava Sir John Elliot e a família.

Nas proximidades de Beni Hassan vê-se areia entre o rio e as montanhas, assim como sobre estas, cuja desagregação é visível.

O pôr-do-sol abrasava a margem oposta.

Às 5.40 ancoramos.

Encanta-me esta viagem; uma coisa, porém, entristece-me: penso nos amigos que estão privados destes gozos.

Não posso repetir com o filho do Faraó Aen: “Conserva-te alegre, durante toda a existência. Acaso houve quem saísse do túmulo?”

Dia 14 de dezembro de 1876 – Desembarcando às 6 ½, parti montado em burrico, de modo muito característico – o cavalo e o camelo só figuram nos monumentos egípcios depois da décima dinastia (3 000 aC.).

Visitei quase todas as grutas de Beni Hassan. Escavaram-nas nos rochedos da margem direita para servirem de túmulos (verdadeiros poços abertos no solo das grutas e tendo dos lados outros por onde passavam os sarcófagos).

As duas grutas Setentrionais são as mais interessantes.

A primeira que visitei é a sepultura de Xnumhotep, monarca do distrito de Sah, durante o reinado de Usirtasen II (2 400 aC.) e cujos cartuchos trazem o seu nome oficial e o da família.

A face norte apresenta pinturas e hieróglifos interessantíssimos.

Trinta e sete indivíduos da tribo dos Amon (nome semítico; do hebraico am povo, ou do copta, que também pode ser considerado como semítico, amon pastor, carreiro) oferecem ao monarca do distrito de Sah um mineral próprio para tingir os cílios e proveniente do país de Pit-Sa (Arábia).

Os companheiros do chefe dos imigrantes, chamado Abera (nome semítico) são homens barbudos, armados de lanças, arcos e clavas, mulheres e crianças, com jumentos carregados de trastes.

O chefe oferece ao monarca um cabrito montês dos que se encontram na península do Sinai.

A segunda gruta é o túmulo do monarca do mesmo distrito chamado Amenhi, contemporâneo de Usirtasen I, (cujos cartuchos já tive ocasião de ver) e de Amenemhait II, cujos cartuchos com o nome oficial também já li (2 400 aC.)

A gruta tem uma tríplice abóbada no sentido do comprimento, com fiadas de quatro colunas dóricas de dezesseis faces caneladas, exceção feita das que simetricamente se acham no sentido perpendicular à porta da entrada; todas muito belas.

Vi outras colunas dóricas de oito e dezesseis faces, mas não caneladas, numa gruta, onde formavam como que um vestibulo; é inadmissível que tenham sido trabalhadas em época posterior à abertura da cava que deixaram incompleta e parece nunca ter servido de túmulo.

Nesse pequeno vestibulo há hieróglifos; avistei também muitas outras cavas assaz profundas e perpendiculares à parede.

Sobre as portas de entrada das duas grutas há desenhos curiosíssimos.

Alcansei o navio um pouco à montante, o caminho é melhor e bem bonito por causa das tamareiras.

Também percorri a gruta chamada Speos Artemidos (gruta de Diana, em grego) e que não passa de um túmulo aberto sob Set I, pai de Ramsés II, (1 400 aC.) cujos cartuchos se destacam dentre inúmeros hieróglifos.

No fundo da lapa que está mais ao Norte em Beni Hassan vêem-se, num quarto, três estátuas assentadas bastante conservadas, em baixo-relevo, sendo que das três a maior é a do meio.

Em uma das outras notei também, numa espécie de nicho ao fundo, certa pedra saliente com ares de múmia em baixo-relevo.

Uma das coisas que mais me interessaram nas grutas de Beni Hassan foram as colunas, que procurei esboçar.

Imitam quatro troncos de árvores amarrados pela parte superior por meio de cordas; nos intervalos dos troncos existem, no sentido do comprimento, peças de madeira destinadas a consolidar o conjunto.

Pouco depois de Beni Hassan, vimos Rodah, à margem esquerda, onde os edifícios da usina de açúcar do Quediva - ao todo quinze, iguais à de Minieh - oferecem bela perspectiva.

Prefiro a vida da aldeia, à da margem direita, sombreada por inúmeras palmeiras.

Às 3 $\frac{1}{4}$ chegamos a Haggi Gandel, à margem direita.

Sinto não dispor de tempo para visitar as grutas de Tel el Amarna, correspondentes à XVIII^a dinastia. (1 700 - 1 400 aC.); quase todas servem de sepulcro aos cortesãos de Amenófis IV. Tanto sob esse monarca como sob Ramsés II, representavam os artistas as personagens com os traços fisionômicos do soberano.

Nos túmulos de indivíduos ali sepultados vêem-se figuras com cabeças de eunuco e torsos muito adiposos.

Na Rússia, no reinado da Imperatriz Isabel, promulgou-se um ucasse proclamando oficial certo retrato da soberana e condenando outro que era muito feio.

Vi o original desse decreto na Biblioteca Imperial de Petersburgo.

Amenófis IV deveria ter proibido a reprodução de seus traços grosseiros. Tratem os egiptólogos de achar algum ucasse em hieróglifos.

Às 4 $\frac{1}{2}$ passamos em frente às montanhas de Gebel-abu-Fedra, à margem direita.

Quase à extremidade meridional desses montes acham-se as grutas do Maubdet. Nelas penetrando por uma fenda encontram-se pelo que me contou Mariette Bey - milhares de múmias de crocodilos. No entanto, quase se não os vêem na viagem do Nilo; até agora não avistei um único.

No túmulo de Ti (que vivia sob a V^a dinastia, 3 000 aC.) estão gravadas imagens de crocodilos e hipopótamos que examinei, quando pela primeira vez vim ao Egito. Este túmulo está no local de Menfis; pode-se, pois, concluir que nessa época os dois animais eram freqüente nesta parte do Nilo.

Às 5 $\frac{1}{4}$ fiz um ligeiro esboço das montanhas, crivadas de grutas escavadas ou naturais e depois encontrei uma das dahabiehs dos ingleses que procurava aproveitar a frescura do vento.

Teve porém de parar, pois, já estava escuro; às 7 ancoramos perto da margem esquerda e um pouco a montante de Manfalout. Esteve admirável o crepúsculo com os seus matizes esverdeados e vermelho claro.

7h 40m. - As estrelas brilham como diamantes no meio de carvão.

Antes de dormir, estudo a gramática hieroglífica de Brugsch Confesso que muito se tem progredido em matéria de interpretação de hieróglifos, mas é preciso dizer que muita coisa tem sido quase adivinhada. O meu amigo Brugsch parece-me mais sábio; Mariette, porém, fez descobertas mais belas em matéria de monumentos e revela-se mais prático. Desde a minha primeira viagem é um dos meus afeiçoados. O aspecto das margens do Nilo sugere muitas considerações geológicas; julgo que o rio já desembocou no Mediterrâneo em Beni Souef, a oitenta milhas do Cairo.

Assim pensava também o Dr. Gaillardot que conheci por ocasião da minha primeira viagem e pessoa muito estimada pelo Conde Joubert, que a seu respeito a mim se manifestou com profundo pesar, há alguns dias.

Sustentou pertinazmente no Instituto Egípcio a opinião de que este país existia na idade pré-histórica da pedra; creio, porém, que Mariette combateu com excelentes argumentos.

Dia 15 de dezembro de 1876 - As 6h10m partimos. O dia não foi dos mais interessantes; as paisagens, porém, continuam sempre muito belas. Às 10 atracamos para receber carvão; visitei Siut que é bem populosa e não muito suja. Grandes acácias ensombram a estrada que a ela vai dar. A cidade tem um lindo minarete de pedra.

Fui orar na pequena igreja católica guardada por um capuchinho do convento do Cairo. Disse-me ele que no lugar há uns cem católicos. Parte do bazar de Siut é coberta de madeira.

Às 11 $\frac{1}{4}$ partimos novamente. À 1 $\frac{1}{4}$ avistei no horizonte, à direita, o elegante minarete da aldeia de Abu Tig.

À tarde, passamos perto do lugar onde o célebre El Mahdí tanto mal fez aos cristãos que viajavam no rio, tendo chegado a comandar 20 000 sectários que o consideravam como um grande santo.

As montanhas da margem direita apresentam numerosas grutas cavadas pela mão do homem e uma ponta de rochedo assemelha-se bastante a um indivíduo deitado de bruços.

Às 6 ½ paramos a dez milhas de Suhag. O comandante não quer navegar à noite embora o céu esteja muito claro. Isso demonstra sensatez da sua parte, porque às vezes muda a corrente de direção, acontecendo deslocarem-se os baixios após as inundações.

Notei hoje quanto o Nilo carregou grande extensão da margem direita, terreno plantado de belas tamareiras.

Não há pôr-de-sol em que os matizes não sejam diferentes e sempre encantadores.

Antes de chegar a Siut, vi à direita a embocadura de um belo canal que leva a água do Nilo ao Faium: uma das partes mais férteis do Egito e que conto percorrer quando voltar.

Ali fez Amenemhait III, da XIIª dinastia (2 000 a.C.) escavar o lago do Moeris (Meri significa lago em egípcio) e construir o labirinto que tem três mil salas e quartos acima do solo e outros tantos abaixo. A palavra labirinto provém das seguintes em egípcio: rape-ro-hun-t ou lape-ro-hun-t que significam: templo do orifício do vertedouro.

O nome moderno do lugar é Elahoun, o canal que provocou uma diminuição de minha ignorância em Egiptologia, é obra do Quediva que realmente tem feito muitos benefícios ao seu país.

Muito se desenvolveu, a instrução pública depois da minha primeira viagem.

Dia 16 de dezembro de 1876 – Partimos um pouco antes das seis. Paramos em Suhag para tomar carvão. É uma cidadezinha bonita, verdade é que a vi de bordo.

Às onze, chegamos a Belianeh depois, de haver passado por diversas aldeias, das quais a mais importante é Akhmin à direita. Alcumham-na Um el Bacaur, – mãe de todas as desgraças – pois goza de má reputação sob todos os pontos de vista. É a antiga Chemmis ou Panapolis e nela se acham inscrições da XIIª dinastia, pretendendo os gregos que ali nasceram Danaus e Linceu.

Penso ter decifrado os hieróglifos da entrada da gruta não acabada e o nome de Xnumhotep (XIIª dinastia). No entanto ele não está em cartucho algum, embora pense eu que estes sirvam somente para a inscrição dos nomes de reis, príncipes e cidades.

Chamaram-me a atenção os pombais sobre as casas com a aparência de pequenas fortalezas ameaçadas. Os pombos são mais numerosos e mais gordos aqui, no Alto Egito.

Dentro em pouco, hei de desembarcar em Beleiut para visitar as notáveis ruínas de Ábidos, a antiga Tenis, onde nasceu o primeiro rei do Egito, Menés (daí Meneston, lugar de Menés?). Noto a semelhança desse nome com os de Manú da Índia e Minos de Creta.

Às 11 e 25, passo em frente a Girgeh, a maior cidade do Alto Egito, depois de Siut. Conto sete minaretes. Perto desta cidade, está o mais antigo dos conventos católicos do Egito.

Daqui a uma hora, aportarei a Belianeh, devendo andar duas ou três léguas a cavalo para atingir as ruínas de Ábidos. O resto do dia talvez não chegue para se ver tudo.

Às 12 e 50 desembarquei em Belianeh, a aldeia dos pombos, à margem esquerda.

Causaram-me surpresa as casas cobertas de pombais onde se implantam galhos, para que os pombos neles se empoleirem.

O solo é bem cultivado e cheio de belos palmeirais.

Atravessei três canais de irrigação e quatro aldeias antes de chegar a Arabat-el-Matfun (Ábidos; Abtu em linguagem hieroglífica); comecei a visita pelo templo de Osiris, completamente desentulhado.

Após os pilonos da entrada, há um grande pátio rodeado de 24 pilastras feitas de grande blocos de pedra, onde se vêem destroços de cariátides (baixos-relevos), logo depois surgem enormes pilonos de alabastro caídos que formavam a entrada da cela. Há um grande número de quartos de ambos os lados do templo.

Nas paredes de um vi uma laje de dimensões avultadas cuja face inferior está coberta de estrelas em meio-relevo, pintadas de uma cor fusca.

Em outro há uma escada de dez degraus, em rampa, muito suave conduzindo à parte superior da parede externa que não devia ser muito alta.

Todos os muros estão cobertos de baixos-relevos e de hieróglifos (alguns dos quais entalhados na pedra) e de pinturas cujas cores e linhas ainda hoje são muito salientes.

O templo foi construído e dedicado a Osiris pelo soberano Ramsés II, o Sesostri dos gregos (1 400 aC.), e é contemporâneo do obelisco da praça da Concórdia.

Foi neste templo que se encontrou a tábua chamada de Ábidos e existente no Museu Britânico.

Daí fui ver o templo de Set, pai de Ramsés II, chamado Memnoniano – de Memnon, monumento em egípcio, – por Estrabão.

É um dos mais belos que tenho visto. Após vasto pátio onde muito há ainda que desentulhar, no perímetro e mesmo em frente a uma fileira de pilastras – pátio precedido por degraus e por uma espécie de escadaria com colunata – entra-se pelo intervalo de duas pilastras para o centro de segunda fileira cujos espaçamentos estão tomados por um pórtico – no sentido da largura do templo – com doze colunas de cada lado, estilo egípcio. Atravessa-se segundo renque de pilastras, segundo pórtico idêntico ao primeiro, nova fiada de doze colunas como a dos pórticos e afinal se chega a sete quartos cuja entrada está ao lado das colunas.

A primeira da direita era dedicada a Hórus, a segunda a Ísis, a terceira a Osiris, a quarta a Amon, a quinta a Harmachon, a sexta a Ptah e a sétima ao próprio Set. Em todos os quartos há baixos-relevos muito bem acabados. Uma imagem de braços alçados na capela de Ísis e duas ajoelhadas na de Armachon têm bastante vida e elegância.

Creio que se não fosse o cânone a que se deviam cingir os artistas teríamos encontrado verdadeiras preciosidades artísticas no Egito.

À esquerda, na direção do renque simples de colunas, há um corredor, onde na parede da direita foi achada uma tábua de reis mais completa (76) do que a do Museu Britânico.

Ali se vêem as imagens de Set e de seu filho Ramsés, ainda menino, com os cabelos anelados, contemplando os cartuchos de todos esses soberanos desde Menés até Set. Segundo as idéias modernas dir-se-ia que o pai dava ao filho uma lição de história.

Na parede oposta vêem-se os nomes de 260 divindades e os dos lugares onde eram veneradas.

Uma lição de mitologia e de geografia.

As duas imagens de Set e de Ramsés ali se acham; o cartucho do último destaca-se-lhe visivelmente sobre as roupas.

Nas celas do fundo do templo, atrás das capelas dedicadas aos diversos deuses, há pinturas de cores muito bem conservadas.

Na fiada simples das colunas e em vários aposentos – não nos sete principais, que chamarei capelas – alguns dos quais quase enterrados na areia, vi colunas, com fuste cilíndrico e plinto, sobre pedestal redondo e atarracado, legítimo estilo proto-dórico.

Sua existência não me causou tanta surpresa, porquanto já admirara a elegância de algumas outras em um gruta de Beni Hassan, correspondente à época muito anterior, em que se pode supor que as regras do cânone impostas aos artistas devessem ser observadas com muito maior rigor.

Cobrem este templo grandes lajes extraídas de diversos lugares, em forma de abóbada e cheias de hieróglifos em meio-relevo.

Caía a noite rapidamente; pude, porém, atingir Kom-es-sul-tan, mais distante do Memnomnium, para o lado do norte, do que este do templo de Ramsés II – ainda a tempo para poder ver os imensos destroços de túmulos das pessoas que, segundo conta Plutarco, queriam enterrar-se em Ábidos, perto do túmulo de Osiris.

Já ali se tem feito escavações; vi pedaços de coluna que me pareceram do estilo egípcio, e um busto de pedra verde, sem cabeça, com as mãos cruzadas ao peito, semi-enterrado na areia.

Os túmulos encontrados nesta necrópole pertencem, sobretudo, à sexta, duodécimo e décima-terceira dinastias (3 700 - 2 800 aC.).

Talvez ainda achem os de Menés e Osiris.

Mariette diz que certos indícios fazem acreditar que o último fosse aberto na rocha, sob os montões de destroços, a que me referi.

Do alto de Kom-es-sul-tan estende-se a vista sobre dilatada planície de um verde aveludado, com ligeira cercadura de brumas, limitada pelos tons nacarados da cadeia líbica.

O céu, onde já transparecia o brilho das estrelas, encantava-me de modo tal que quase me esqueci da distância que me separava do navio.

A volta, durante a noite, foi sob todos os aspectos, deliciosa, graças, sobretudo, aos sonhos que me embalavam, deixando-me carregar pelo excelente burrico.

Cheguei a bordo antes das oito, encantado com a excursão.

Para acabar com o Memnomnium, resta-me interpretar as palavras do grande texto hieroglífico da fachada do templo, em que Ramsés II alude à bondade do pai: “Assim obrava ele para comigo: era para mim o que era para si”.

Melhor se poderá exprimir a afeição?

Dia 17 de dezembro de 1876 – Às 9 e meia passamos por Farchut à margem esquerda, lugar industrioso; às 9 $\frac{3}{4}$ por Hou, do mesmo lado, onde com o binóculo avistei famoso felah santarrão.

Acocorado sobre um monte de palhas, só lhe pude ver a cabeça branca e o tronco.

Rodeavam-no diversas pessoas, o nosso piloto tentou atirar-lhe no saco algumas oferendas, pois segundo crença geral, sucedem desastres às embarcações que não lhe tributam respeito.

Contaram-me que o Quediva costuma visitá-lo quando viaja e que pela imposição das mãos faz cessar a esterilidade das mulheres felahs.

Hou está no local da antiga Diospolis parva.

Em frente ergue-se Lasr-es-sayad, a antiga Chenoboscion, onde se encontram túmulos da sexta dinastia; desejo, porém, chegar à Denderah, quanto antes.

Às 12 $\frac{3}{4}$ passamos pela Ilha de Tabeneh, à esquerda.

Aí fundou S. Pacomio um mosteiro, no VI século.

A ilha está cheia de tamareiras e de outras palmeiras, menos, da chamada dun, que eu já avistara nos dias anteriores.

Li os Evangelhos; ocupação que reservo para os domingos desta viagem; assim fixei as idéias com vistas à minha próxima excursão à Terra Santa.

Às duas, desembarcamos em Denderah, à esquerda. Como os burricos ainda estivessem do outro lado do rio, em Kench, e para não perder tempo, parti a pé.

Em três-quartos de hora, cheguei ao pilono onde está o cartucho de Domiciano.

O templo é notável pelo estado de conservação e informações coligidas do seu exame, acerca do culto e dos mitos egípcios.

A principal deusa é Hator, afrodite dos gregos e a Vênus dos romanos.

Consideravam-na, sobretudo, como pupila do sol, colocando os egípcios a beleza, sobretudo nos olhos.

Simbolizava ela, também, a harmonia geral do mundo, e um dos atributos que mais se lhe nota no templo é o que diz respeito ao rejuvenescimento, ao desabrochamento e à ressurreição.

O rei, fundador do templo, representam-no oferecendo a Hator uma estatueta da Verdade.

Essa deusa também se transforma em Íris que se prende a Osiris, o qual, segundo Plutarco, simboliza o principio do bem, encarnando Hator, deusa da harmonia e do amor, e da verdade.

Os baixos-relevos e os hieróglifos não são tão bem feitos quanto os de Ábidos.

Penetra-se em um vestibulo de vinte e quatro colunas de estilo egípcio que, pelas dimensões, produzem real sensação.

No teto se destaca, a grande altura, um zodíaco, que difere do que se acha em Paris ocupando uma das celas sobre o terraço do alto do templo.

Nenhum deles tem o valor astronômico que a principio lhes atribuíram, pois época alguma indicam pela posição dos astros.

Entra-se, depois, em um segundo compartimento do edificio, com seis colunas no meio e três de cada lado, e duas portas para o norte e para o sul, para onde eram introduzidas as oferendas do Baixo e do Alto Egito.

Passa-se a outra sala, por onde se sobe a um terraço, após haver atravessado pequeno corredor em rampa, com degraus à esquerda e uma escada de cinco lances à direita, junto à parede.

Continuando a visita do andar inferior chega-se a uma grande sala que encerra outra morada e com uma única abertura, tudo isso cercado de quatorze cômodos, dos quais um tem dois andares.

Todos esses quartos comunicam, direta ou indiretamente, com a sala grande.

Percorri um dos corredores, espantando uma nuvem de morcegos. Em outra passagem do lado do norte, descobriram-se inscrições comprobatórias da existência, naquele local, de um santuário ereto por Tutsés III, da XVIIIª dinastia (1 700 a.C.) e igual ao outro do tempo de Choufou, (IVª dinastia, 4 000 a.C.) cuja descrição foi achada na época do rei Papi (VIª dinastia, 3 700 a.C.).

Nos baixos-relevos dessas câmaras, acham-se muitas indicações acerca das cerimônias do templo.

O quarto do fundo era o santuário de Hator. A procissão principal saía por ocasião do ano novo que começava a 21 de julho, dia em que Sotis (Sírio) nascia com o sol, coincidindo com a cheia do Nilo.

Subia o cortejo pela escada do norte (a dos diversos lances), tendo à testa o rei e treze sacerdotes, empunhando bastões encimados por emblemas dos diversos deuses (segundo a descrição pormenorizada encontrada nas paredes da escada) e atingia o terraço para estacar em frente a um pequeno templo de doze colunas, cada qual consagrada a um dos meses do ano – voltando depois pela escada do sul, a de rampa.

Este pequeno templo é consagrado a Osíris. Há ainda seis quartos dando para o terraço, três do lado do norte e três do sul. Os diversos Osíris dos setentrionais estavam nos primeiros e os dos meridionais nos outros.

Os nomes são quarenta e dois e desse modo soube-se quais eram as quatorze invocações de Osíris.

Vêem-se também longas procissões de deuses trazendo em vasos os membros de Osíris pertencentes a cada cidade e os quarenta e dois esquifes do deus; aparecem depois as doze horas do dia e da noite com as pedras de cada uma dessas horas, tudo dividido com o templo, em norte e sul, Baixo e Alto Egito.

Um calendário regulamenta as festas processionais em que tomam parte sacerdotes de todo o Egito e insere receitas para óleos e perfumes, existindo também calendários resumidos para as festas de Osíris em outras cidades.

Os préstitos iam até ao recinto exterior de que restam montões de tijolos.

O dromos (avenida) que vai do templo até o pilono já mencionado e onde se vê também o cartucho de Trajano, tem cento e dez passos de largura.

No templo só entravam o rei e os sacerdotes mas talvez admitissem no recinto exterior, pelo menos, alguns privilegiados.

As criptas, corredores, serviam de depósito para os objetos mais preciosos; os hieróglifos, das paredes falam apenas da natureza desses objetos e das substâncias de que eram fabricados.

Na parede exterior de oeste, perto de dois ângulos, vêem-se as imagens de Cleópatra e do filho.

A fisionomia da rainha é bem cruel.

Infelizmente degradaram as imagens, de modo a parecerem marcadas de bexigas.

Tanto em Dendera como em Ábidos são flagrantes os vestígios de incrível vandalismo. O Quêdiva bem poderia gastar uma parte da soma, que prodigaliza com os seus palácios, na conservação desses monumentos, tão interessantes para o estudo do Alto Egito.

O templo de Dendera foi começado sob Ptolomeu XI, terminando a sua construção sob Tibério e ornamentação no tempo de Nero.

Muito próximo do templo, atrás do ângulo S. O., há um pequeno santuário de Ísis, ou antes de Hator Ísis, datando a porta monumental do trigésimo-primeiro ano de Augusto, segundo rezam as inscrições gregas existentes no fim de um dromos de cento e setenta passos.

A noventa passos do grande templo acha-se um edificio conhecido sob o nome de Tifonum, porque nele existe a imagem de Tifon.

Os hieróglifos apresentam os cartuchos de Trajano, Adriano e Antonino.

Em torno das construções vê-se a cercadura de tijolos crus com 240 passos; cada face tem duas entradas, uma fronteira ao pilono do grande templo e outra em frente à porta monumental de Ísis.

A quinhentos passos desta há outra muralha de tijolos crus que, segundo me parece, cerca de uma área de 155 passos sobre 265, devendo ter encerrado monumentos em seu recinto.

No portal de cantaria têm-se inscrições funerárias ao lado do cartucho de Antonino. A cidade estendia-se entre este muro e os templos, cercado assim o perímetro sagrado. Dela restam, quando muito, fragmentos de destroços soterrados.

Dia 18 de dezembro de 1876 – Ontem à noitinha o vapor atravessou o rio para receber carvão em Kene.

Partimos hoje às seis horas. Até Luxor nada de notável há.

Nakada, à esquerda e a 35 quilômetros de Luxor apresenta um aspecto pitoresco, projetando-se com as suas tamareiras sobre a cadeia líbica.

Às 11 ½ chegamos a Luxor.

Fui imediatamente ver o templo.

Amenófis III, da XVIIIª dinastia (1500 aC.) construiu o santuário e a parte principal.

A alta coluna que domina o rio data do reinado de Hórus (1480 aC.), tendo Ramsés II feito os dois obeliscos, o da esquerda, companheiro do da Praça da Concórdia e o pilono que os acompanha.

As casas construídas em grande parte da área ocupada pelo templo e em torno dele tornam o seu estudo muito difícil.

Inúmeras inscrições louvam as riquezas e a grandeza desse Amenófis.

Os reis e os povos tributários vinham de países tão remotos que antes de serem conquistados pelo rei nem sequer conheciam o caminho e o nome do Egito.

Procurei com afincado e segundo indicações precisas a decoração mural que representa o nascimento do rei Amenófis, dado à luz pela rainha Motemua, e recebido pelas divindades que presidem aos partos; mas apesar de archotes e do emprego de escadas duvido muito que o pudesse encontrar.

Acham-se também no interior do templo os cartuchos de Taharqu - um dos reis etíopes XXVª dinastia - 600 aC.), de Psamético e de Alexandre, a quem se deve, pelo menos, parte da ornamentação do santuário.

Observei os vestígios de um grande bloco de arenito construído numa extensão de 65m, para proteger o templo do extravasamento do rio, sob os últimos Ptolomeus ou sob os Césares.

Por ele se nota a direção diversa seguida pelo Nilo.

Vi também o canal aberto para o transporte do obelisco da praça da Concórdia em 1836.

Montado em burrico, visitei depois Karnak.

Observa Mariette -- Karnak é o mais admirável ajuntamento de ruínas do mundo. Nunca se vê Karnak o suficiente e mais se visita, mais avulta a idéia dela formada.

Não há exagero no que diz Mariette.

Lá volto amanhã.

É impossível fazer compreensível descrição dessa babilônia em ruínas.

Basta dizer que o contorno geral de tijolos crus mede talvez 2400m.

O grande templo, desde o portal exterior do grande pilono até o ponto extremo do edifício, tem 365m, sendo a sua largura, a do primeiro pilono, 113m. O perímetro total é de 950m.

A sala das colunas, ou hipostilo, construída sob o reinado de Set I, pai de Ramsés II é o mais vasto de todos os monumentos do Egito, medindo 102m de largura e 53 de profundidade, com 134 colunas de grandes dimensões que suportam o teto em uma altura de 23m na parte central.

Doze dessas colunas que formam uma avenida central igualam em diâmetro a da praça Vendôme e todas pertencem ao estilo egípcio.

O lado sul - entra-se pelo leste - foi o que mais sofreu com os séculos.

Várias colunas arqueiam e uma caiu sobre a que lhe fica frente.

Sobre a face exterior da muralha setentrional do templo e correspondente a esta sala, reportam-se baixos-relevos muito notáveis às expedições de Set I.

O rei está no seu carro. Os cavalos (o primeiro chama-se Poder) arrastam-no para a peleja.

Os inimigos são os Shashú, árabes do deserto. Ao lado, segunda batalha com os povos do país de Kharú e ainda outra campanha contra os Rutenu (Assírios) "que não conheceram o Egito".

Os prisioneiros, acorrentados, são arrastados para serem oferecidos aos deuses de Tebas.

O rei vitorioso volta para o Egito, indicando-se diversos lugares onde se demorou.

Perto de um rio, cheio de crocodilos, recebe as homenagens dos principais funcionários do país.

Grande cena. O rei brande a clava sobre as cabeças de um grupo de prisioneiros que segura pelos cabelos e vai imolar perante o deus de Tebas.

Novas cenas de guerra, etc. – Os baixos-relevos da face exterior, lado sul da muralha, correspondente à sala hipostila, comemoram a campanha do primeiro rei da XXIIª dinastia (980 aC.), que a Bíblia chama Sesac, contra a Palestina.

O rei é representado de braço erguido a desfregar golpes sobre um grupo de prisioneiros, cujo crânio é tudo quanto a areia permite descobrir. São mais ou menos cento e cinquenta personagens cujas cabeças, unicamente, aparecem nos cartuchos serrilhados.

Nos hieróglifos estão os nomes das cidades que Set tomou na Palestina.

Esses indivíduos têm os traços e o modo de cobrir a cabeça que percebi na Judéia. Desenhei ligeiro esboço de um deles.

Champollion pensa que o nome Judat-meleh (rei de Judá) encontrado num dos cartuchos revelava em uma das cabeças a figura de Jeroboão; Brughsc, porém, demonstrou que se trata do nome de uma localidade Palestina.

Aliás é inteiramente idêntico o tipo de todas essas cabeças. Sobre a mesma parede, do lado de leste está a cópia do famoso poema Pentatur, do nome do poeta que pretendeu eternizar um feito de armas de Ramsés II, na campanha do quinto ano de seu reinado, contra os Khetas.

Tendo sido vítima de uma emboscada bate-se só; as queixas contra Amon, que ele sempre venerou e que parece querer abandoná-lo, lembram as de Davi, revelando o grande estro de Penta-ur.

As exprobrações do rei ao seu exército que não o acompanhou são muito belas; a última frase é a seguinte: “Tive de lutar só!”.

Antes desta sala atravessa-se o segundo pilono onde há duas estátuas de Ramsés III (da XXª dinastia, creio, 1 288 aC.), também construtor de um templo.

Uma dessas estátuas está ereta, tendo ambas sido esculpidas em monolíticos de granito vermelho, de sete metros de alto.

Segue-se à sala hipostila o terceiro pilono, precedido por dois obeliscos, em frente ao pátio de TutsésSet I (da XIIª dinastia, 1 655 aC.).

Seguem-se ainda o quarto pilono e dois obeliscos, dos quais o da esquerda é o maior até hoje descoberto, pois mede 33,20m de alto (o de Heliópolis tem 20,27m, o de Luxor, em Paris, 22,80m, o de S. Pedro, em Roma, 25,13m e o de S. João de Latrão, também em Roma, 32,15m).

Passa-se depois à sala das cariátides ou pilastras osíricas, que deveria ter sido muito bela antes de cair no estado de ruína em que está, penetrando-se no santuário ou apartamento de granito, que atualmente não passa de um amontoado de blocos de granito e onde é quase impossível reconstituir a planta primitiva; nesse mesmo lugar a comissão francesa de 1798 percebeu vibrações sonoras ao alvorecer.

Vem depois o grande pátio posterior onde se encontram colunas como as das grutas de Beni Hassan, embora não caneladas, datando do reinado de Usirtasen cujo cartucho apresentam, e o palácio de TutsésSet III (XVIIIª dinastia, creio, 1 600 ou 1 500 aC.).

Nesse palácio havia preciosos baixos-relevos, hoje no Louvre, representando TutsésSet a fazer oferendas a cinquenta e sete dos seus predecessores, documento tão importante para a história faraônica quanto a tábua de Ábidos.

Ao sair do grande templo, pude do primeiro pilono, apreciar o admirável ocaso; o sol esbraseava como ferro fundido, iluminando através de delgado véu de brumas a cadeia líbica e a verdura magnífica que cerca o Nilo.

Do alto desse pilono adorei a Deus, criador de tudo quanto é belo, voltando-me para as minhas duas pátrias, o Brasil e a França, esta, pátria de minha inteligência e aquele pátria de meu coração 001.

No interior do pilono, no alto, lêem-se os nomes das localidades do Egito onde se acham os principais monumentos, com a indicação de suas coordenadas geográficas, tudo aberto na pedra pela comissão francesa de 1798. As recordações científicas prendem-se, por toda parte, ao nome da França.

Não devo deixar de mencionar as inscrições de TutsésSet IV (XVIIIª dinastia, 1 500 aC.), Minepta I (XIXª dinastia, 1 300 aC.), Takelotes (XXIIª dinastia, 900 aC.), Filipe Arhideu (320) ? e Ptolomeu Alexandre (106-80, aC.).

Há outros monumentos no recinto que hei de ver amanhã.

Estudarei melhor o grande templo.

Diodoro aponta este recinto como o mais antigo dos quatro templos de Tebas. Faltam-me os livros para poder fazer um diário menos defeituoso; apesar de tudo preciso de bastante tempo para coordenar estas lembranças.

Se não as metodizar, arrisco-me a vê-las perturbadas por outras mais recentes. Enfim vou fazendo o que posso.

Ora, justamente esquecia-me de dizer que Hatson foi uma regente célebre da XIX^a dinastia. Seu obelisco é de grande beleza e as inscrições da base nos informam que as suas extremidades estavam cobertas de ouro puro tomado dos chefes das nações.

Se não se tratava de uma mesa pyramidion ou de cobre dourado, como deveria ter sido o obelisco de Heliópolis, talvez se refiram às inscrições à esfera que se vê nos baixos-relevos de Sakarah

O obelisco era dourado, de alto a baixo, sem dúvida, notando-se que o fundo dos hieróglifos é polido com cuidado, sendo rugosa a superfície plana, tal como se tivesse de receber um reboco branco, fato que se repete em todos os monumentos egípcios.

Era ali que se dourava.

Enfim diz a inscrição que esse obelisco, assim como o companheiro derrubado, foram acabados em sete meses, desde o começo da extração na pedreira.

O embasamento é perfeito e o seu eixo, o do templo; seu peso considerável explica o emprego de meios mecânicos muito aperfeiçoados.

Dia 19 de dezembro de 1876 – Às 5 ½, parti para Karnak. A impressão de hoje ainda foi mais forte que a de ontem.

Até às 8 estive no santuário e nas câmaras graníticas, só, ouvindo o canto dos pássaros. Fiz um croqui do lugar onde me instalara. Tudo observei em Karnak com a máxima atenção. As colunas poligonais de Usirtasen I estão derrubadas; há porém, outras, do mesmo estilo, ainda eretas.

Almocei na sala hipostila e durante a refeição desenhei novo esboço. Não compreendo nem pude saber o que vem a ser a grade de pedra que se vê nesse croqui.

As colunas dessa sala colossal são em parte pintadas.

Examinei novamente muitos cartuchos e os baixos-relevos da parede exterior do sul da sala hipostila, página de história realmente interessantíssima.

Ao redor do grande templo, há ruínas curiosas do mais alto interesse; apenas me referirei, porém, a um pequeno templo onde se vêem imagens pintadas de vermelho.

Os hieróglifos dizem que se trata de uma embaixada fenícia; quase todas as imagens abraçam-se de tal modo que designarei o monumento pelo nome de templo dos amplexos.

Às pressas procurei reproduzir um desses amplexos.

Perto do grande templo há um pequeno lago, além de outro mais longe, semicircular, no fim de uma alameda onde, de cada lado, havia numerosas esfinges. Ambos estão um pouco salobros; da vizinhança extrai-se salitre. À direita e a esquerda de outra alameda pude contar 54 esfinges mais ou menos arruinadas; esta avenida ligava-se à primeira por uma terceira, perpendicular a ambas e devia prolongar-se até Luxor.

Essas avenidas, antes da destruição deviam produzir maravilhoso efeito, embora estejam as esfinges muito próximas uma das outras.

Vi também as ruínas de dois templos, um cheio de imagens de Tifon e o outro de estátuas da deusa Piht, em cuja cabeça abriam pequeno rego.

Seria para fazer algum acréscimo à essa cabeça ou para escoamento das águas, servindo de gorgulhas essas estátuas? Estão de pé e em parte enterradas.

Notei uma bela cabeça, igual à de uma esfinge cujo corpo está enterrado na areia. Sua expressão é realmente notável, e pareceu-me terem deitado a estátua de propósito e isso com verdadeira arte.

A direção da alameda das esfinges que vai ter ao lado semicircular atravessa quatro pilonos muito curiosos, cujos eixos não estão em prolongamento e voltados para a parte leste da muralha meridional da sala hipostila.

Do lado exterior desse pilonos haviam uma série de colossos em frente ao grande templo, exceto no quarto onde existem dos dois lados. Assentei-me sobre a mão enérgica de um deles descobrindo o cartucho de Amenófis

Ao chegar a Luxor (do árabe El-luq-sor, os palácios) encontrei-a muito movimentada, por ser dia de feira.

Camelos e jumentos havia-os em profusão, achando-se a praça da aldeia juncada de verdes canas-de-açúcar.

Às duas horas estava a bordo, transportando-me o vapor à margem oposta.

Desembarquei num lugar onde o Nilo extravasara recentemente, de modo que o terreno não tinha recuperado a consistência primitiva.

Fomos ao templo de Gurnah, erigido como monumento funerário em honra a Ramsés I, por seu filho Set I, cuja imagem em baixo-relevo, numa das câmaras, é muito bem feita, apresentando notável caráter de altivez e energia.

Todos esses baixos-relevos do reinado de Set I são muito melhores do que os que já avistei. O templo está bem deteriorado.

Visitei depois o Ramsseion ereto pelo rei Ramsés II. Começa por dois pilonos, dos quais o mais afastado representa cena idêntica à do Penta-ur.

Percebi distintamente os mesmos episódios que se deram nas margens do Arunta (o Orontes).

Vêem-se soldados egípcios arrastando prisioneiros, sovando-os com varapaus e procurando arrancar-lhes a barba.

No assalto de uma fortaleza distinguem-se soldados com escudos subindo em escadas; alguns vêm-se precipitados do alto das muralhas.

Observa-se também o exército egípcio em ordem de batalha, destacando-se um grupo que felicita o rei por suas façanhas.

O outro pilono está quase arruinado, desde o tempo da expedição francesa de 1798.

Perto deste, do lado de leste, acham-se os destroços do bloco de onde extrairam o colosso de Ramsés II, que media 17,50m de alto, pesando nada menos de 1 217 872 k – quatro vezes tanto quanto o obelisco da praça da Concórdia. É a obra de um rei que mandou erigir um templo à própria pessoa e, segundo Diodoro, fez inscrever sobre o colosso, que o autor grego chama de Osimandias, as seguintes palavras: “Sou o Rei, o rei Osimandias. Se alguém pretende saber quanto fui grande onde jazo procure primeiro exceder uma de minhas obras.”

Como a noite caísse, apenas pude percorrer o templo. Amanhã, de manhã, conto estudá-lo. Os colossos de Menon destacavam-se ao longe na planície verde, para o poente inflamado.

Voltei por outra estrada mais curta e, em grande extensão, toda cheia de buracos, que me disseram serem túmulos. A cadeira arábica também apresenta inúmeras entradas de sepulcros escavados na rocha.

Seria da maior importância conservar todos esses templos tão curiosos, sobretudo os de Karnak, cujo calcário está corroído pelo salitre. Acho que se devia limpar os baixos-relevos com cuidado porque atualmente o pó, a fuligem e as imundícies quase que os tornam invisíveis.

Dia 20 de dezembro de 1876 – Às 5 ½ da manhã deixei o vapor para tornar a ver os colossos de Menon. Antes do sol nascer já os distinguia, na planície, distantes de meia-légua.

Representam Amenófis III; as estátuas encostadas ao trono e as que estão de pé são: à direita, a de sua mulher Tuet e à esquerda a de sua mãe Motemua, que não lhe atingem a altura dos joelhos.

Após o terremoto do ano 29 aC. A que se refere Eusébio Theboe et Egypti usque ad solum dirutoe sunt, o colosso do norte (o da direita para os que os contemplam de frente) começou a emitir sons semelhantes à voz humana, ao nascer do sol.

Dois séculos mais tarde, Septimio Severo mandou refazê-lo e completar com grandes blocos; daí em diante calou-se.

Subi até a parte superior do solo, procurando ler as inscrições que se acham sobretudo sobre o pé esquerdo e as pernas.

Transcrevo as que me pareceram mais curiosas. As outras copiei-as do livro de Mariette Bey.

..... Tenax Primipilaris leg. XII fulminat et C. Valerius Priscus Leg. XII et L. Quentius Viator decurio andimus Memnona Anno XI.

[Digitalizado do original, para melhor compreensão das palavras em grego] ⁰⁰²

(Floriano Filipe ouvia Menon enquanto o divino autocrata Adriano o escutava à hora...)

Senti não haver encontrado a inscrição citada por Mariette: “Sabina Augusta, esposa do Imperador César Augusto, ouviu duas vezes a Menon durante a hora primeira”.

Da poesia também lançaram mão: por exemplo, diz Patumanus: “Quanto a ele, sentado no trono e privado da cabeça, ressoa suspirando para queixar-se à sua mãe dos ultrajes de Cambises, quando o brilhante sol lança os primeiros raios e anuncia o dia aos mortais aqui presentes”.

Outro assim se exprime: “Tua mãe de dedos de rosa, ó célebre Menon, deu-te a voz, para mim, que queria ouvir-te... (o trecho é longo demais para que se transcreva).

Gemela, por sua vez, escreveu uma poesia aqui, tendo sido acompanhado da cara esposa Rufela e filhos.

Os dois colossos estavam à entrada da longa avenida de esfinges, cujo traçado ainda se divisa no solo, devendo dirigir-se a um templo.

Um pouco à frente dos colossos há outro, deitado do lado esquerdo e quebrado em diversos lugares. Todos eram disformes monólitos. Existem ainda outros destroços desse grande templo de Amenófis III.

Tendo um árabe subido ao ombro de um dos colossos, pude melhor avaliar-lhe o tamanho.

Fui depois ver o pequeno templo de Dur-el-Medineh, oculto numa dobra de terreno, atrás da parte da necrópole de Tebas, hoje chamada Lurnat-Murai.

Começou-o Ptolomeu Filopator, acabando-o seus sucessores.

A fachada é muito elegante e de um tipo de que o templo é o exemplar mais bem conservado. Nela se vê uma janelinha muito curiosa de que tirei desenho, que apenas valeu para que a olhasse com mais atenção.

Visitei depois os túmulos escavados nas colinas rochosas; o de Haui, da XVIIIª dinastia, tem pinturas que o representam tomando posse, sob o título de príncipe de Kush, do governo geral de Sudão. Distinguem-se imagens de povos de todas as cores, os negros com os traços étnicos característicos, embora de narizes arrebitados, girafas, bois, anéis de ouro, barras de cobre, leques de cabo comprido, penas de avestruz que lhe trazem, etc.

Houí lá está também a voltar de uma missão no país de Rutennú (Assíria). Apresenta ao rei os embaixadores dessa nação, que se destacam pelas grandes túnicas de cores vivas em que se envolvem várias vezes.

Os escravos, nus até a cintura, são de cor branca e vermelha, e trazem, como presentes, cavalos, leões, barras de metais preciosos, vasos de ouro e prata curiosamente lavrados. Notam-se ainda dois macacos, um a saltar numa corda e outro do gênero dos cinocéfalos.

Os túmulos de Scheik-abd-el-Gurnah são também dignos de interesse. Examinei alguns, tendo de escalar colinas de acesso bastante difícil.

Em caminho assisti a uma cena tocante: um homem idoso acompanhado por um rapaz e um menino chorava ruidosamente à porta de sua cabana. Acabavam de ver morrer a mulher e mãe.

Notei, nesses túmulos, baixos-relevos referentes a cenas da vida desses tempos, como, por exemplo, o arroteamento dos campos, o estabelecimento de uma eclusa, etc.

Uma figura de mulher, com ar melancólico e a mão ao peito, pareceu-me bem notável. Alguns dos tetos tinham pinturas de traços graciosos, cujas cores conservavam o frescor primitivo.

Ao descer colinas, perto da casa onde residiu o célebre egiptólogo Wilkinson, que estudou e catalogou todas essas grutas, entrei numa delas, onde notei colunas dóricas idênticas às de Beni-Hassan.

Uma dessas colunas tem hieróglifos muito visíveis. Daí fui ao templo de Deir-el-Bahari, mas antes de falar dele, devo dizer que, no túmulo, perto da casa de Wilkinson, encontrei pela primeira vez um corredor subterrâneo fazendo um cotovelo que ia ter ao buraco por onde descia a múmia.

O templo de Deir-el-Bahari está num canto formado pelas colinas. Embora de uma aridez absoluta, o aspecto do local é assaz pitoresco.

O templo tem três andares, a que vão ter outras tantas rampas. Precediam-no uma alameda de esfinges inteiramente destruídas e dois obeliscos de que restam apenas as bases. Nele se vêem baixos-relevos e pinturas muito curiosas, sobretudo as que se referem à expedição marítima, enviada à Arábia (país de Punt) pela rainha Hutason, irmã de Tutmés II e de Tutmés III, cujos cartuchos são muito diversos, quando associada ao trono, do tempo dos irmãos, regente em nome do último, ou quando reinou por si.

Notei cartuchos dessa princesa junto de outro dos Tutmés e ainda muito legíveis, embora destruídos. Provavelmente fizeram como outros monarcas que martelaram os cartuchos dos predecessores, cujo nome os ofuscava.

No baixo-relevo pintado, de que falei, aparecem peixes perfeitamente desenhados, perfeitamente reconhecíveis, para os que estão familiarizados com a ictiologia do Mar Vermelho.

Mariette descrevendo esses baixos-relevos fala de choupanas cobertas por cúpulas. Não as vi; amanhã hei de voltar a esse templo tão interessante.

De ambos os lados de uma escada do fundo vê-se a efígie real bebendo o leite divino nas tetas de Hator, representada sob a figura de uma vaca de notável realismo. O menino mama com um apetite que me fez sorrir. Desde a XXIIª dinastia começaram a utilizar-se deste templo como necrópole; vi num dos quartos muitos restos de múmias, cujo cheiro rivalizava com o dos vestígios dos morcegos.

Indo daí para El Assasif encontrei grandes construções de tijolos crus, arruinadas e apresentando verdadeiros arcos abobadados. Entrei depois no grande túmulo pertencente, provavelmente, à XXVIª dinastia (600 aC.). É um imenso corredor em rampa. Além do orifício tumular, vêem-se de ambos os lados nichos com duas estatuetas, algumas das quais bem conservadas. Todas as paredes estão cheias de hieróglifos em baixo-relevo, sendo isso extraordinário, quando se reflete que esses túmulos deveriam estar, em quase todo o comprimento, escondidos para sempre, pela grande pedra que os fechava.

O túmulo que percorri, nos seus corredores principais e laterais e nas câmaras, continha milhares de morcegos que me tocavam no rosto com as asas.

Ao sair voltei ao Ramesseion para melhor examiná-lo.

É na fachada do pilono menos afastado do templo que se acha a cena do Penta-ur. O outro pilono apresenta no frontispício, defronte ao templo, um episódio de batalha contra os Ketas e dá acesso ao pátio, cercado de pilastras, onde se apoiam grandes imagens de Ramsés, revestido de atributos de Osiris, como convém a um monumento de caráter funerário.

Diante desse pilono, isto é, do lado do templo, está o colosso. Examinei com atenção o teto do único quarto coberto que deu motivo a trabalhos astronômicos de Biot; não pude, porém, reconhecer senão a natureza astronômica das imagens, das quais treze, inclusive uma estrela, parecem representar os primeiros meses lunares e o complementar.

As colunas da sala com os seus capitéis ornados de palmas são menos desgraciosas do que as da sala hipostila de Karnak.

Voltando ao vapor entrei num túmulo da necrópole de Droh-Abul-Neggat, a mais antiga de Tebas e correspondentes às dinastias XIª, XVIIª e começo da XVIIIª. Os sarcófagos dos reis Entefs (XIª) que estão em Paris e Londres e o da rainha Ash-Hotep com a sua coleção de jóias, do museu do Bulaq, provêm dessa necrópole.

Na gruta nada vi de notável.

Dia 21 de dezembro de 1876 – O vapor foi atracar mais perto de Medinet Abu; por causa de uma ilha tivemos de passar por um canal que nos levou ao lugar do desembarque.

Medinet-Abu compõe-se do templo de Tutmés III, cujos cartuchos mais antigos são de Tutmés II, do templo magnífico de Ramsés III e de uma parte com duas torres quadradas, que não se sabe se era palácio real ou fortaleza. Em que edifícios habitaram os Faraós? É difícil dizê-lo.

As duas últimas partes estão separadas por um pátio.

As janelas das torres apresentam exteriormente ornatos muito originais; consolos suportados por imagens de prisioneiros ajoelhados parecem ter servido nos pisos superiores para prender o velarium destinado a amortecer os ardores solares.

Desde a porta da entrada do edifício que denominarei palácio, vê-se Ramsés levando prisioneiros aos deuses.

Seu tipo está muito bem caracterizado. Do lado direito, norte -- os asiáticos, os da Líbia e do país de Kaushu à esquerda, do lado sul. Todos os nomes estão em hieróglifos.

No palácio não há senão cartuchos de Ramsés III. O primeiro pilono do templo desse rei menciona em estelas figurativas as expedições contra os líbios, os maschuscha e outros povos oriundos da Líbia, Síria e ilhas do Mediterrâneo, coligados contra o Egito. Na fachada norte do pilono o rei prostra com uma clava prisioneiros ajoelhados.

O deus Amon-Harmachon apresenta-lhe o machado de guerra e faz-lhe esta prática: "Volto o rosto para o norte e quero que os fenícios estejam a teus pés. Quero que as nações que não reconhecem o Egito tragam para a tua casa todo o seu ouro, e prata..... a Arábia te forneça em perfumes, essências e madeiras preciosas todos os seus produtos. Volto o rosto para o leste, e quero que os habitantes do país dos Tekenon te prestem homenagem."

O pátio, logo após o primeiro pilono, é notável pelos colossos de Ramsés III e Osiris encostados aos pilares e revestidos do caráter funerário do monumento. Nesse segundo pátio avista-se, de frente, a face anterior do segundo pilono. Do lado meridional, vê-se grande quadro, cujo grupo inferior representa diversos povos do Mediterrâneo coligados contra Ramsés e formando uma confederação com os povos da Ásia Ocidental. O lado setentrional contém a longa inscrição que o Sr. de Rougé interpretou. Atravessando a porta de granito desse pilono, penetra-se num vasto e interessante pátio, cujos quatro lados apresentam galerias cobertas de esculturas de cores vivíssimas.

A este e oeste essas galerias repousam sobre pilares, onde se encontram estátuas do rei; as duas outras começam por colunas maciças cujos capitéis representam flores de lótus ainda por desabrochar.

No meio notei fustes de colunas de uma antiga igreja copta. Nessas galerias há também cenas de batalha. Vêem-se mãos decepadas de prisioneiro cuja virilidade também foi mutilada, exatamente como sucedeu nestes últimos tempos na Abissínia com os egípcios aprisionados. Nas Cartas escritas do Egito de Champollion, encontra-se a descrição – que verifiquei in loco – de um desses quadros, em que se pinta a saída do rei para adorar Hórus.

O muro exterior contem dez quadros de uma campanha.

Um representa renhida batalha naval em que se nota um navio com o caso virado.

Na oitava fala-se da esquadra dos Scherdina e também da coligação contra Ramsés; lê-se o nome de Puliste que o Sr. de Rougé acredita serem os Filisteus; segundo um trabalho que Brugsch deve publicar, todos esses nomes de povos, ou quase todos, são os de cidades de Chipre, o que é muito mais aceitável para explicar-se a confederação, nessa época, de nações tão distantes umas das outras.

Nas paredes interiores do palácio notam-se baixos-relevos, dos quais um representa o rei jogando damas com uma mocinha.

Distinguem-se-lhes as mãos, a segurarem peças iguais a onze outras, sobre uma espécie de mesa.

Em frente ao templo de Tutmés III, vê-se um pátio sem importância, cujo teto mostra, pela arquitetura, ser contemporâneo do resto, como aliás também o pilono a meio construído após tal pátio.

Voltei ainda a Deir-el-Bakari. Creio ter enfim encontrado a choupana de cúpula, cuja forma e entrada e a vizinhança de pombos fazem-me acreditar que se trate de um pombal.

Nesse templo as colunas são todas do estilo dórico de Beni Hassan.

Como amostra do estilo de Ramsés III, reproduzo o hino que se lê no primeiro quadro, e que representa a sua volta a Tebas. “Estou sentado sobre o trono de Horus: a deusa Hurkekau reside sobre a minha cabeça. Rival do Sol, protegi com o meu braço os países estrangeiros e as fronteiras do Egito para repelir os nove povos. Apoderei-me de seu território e suas fronteiras são hoje as minhas. Cumpro os desígnios do senhor absoluto de meu venerável pai divino, o senhor dos deuses. Soltai clamores de alegria, habitantes do Egito, até as alturas dos céus. Sou o rei do Alto e Baixo Egito, sobre o trono de Tum, que me deu o cetro do Egito, para vencer em terra e no mar e em todos os países”.

Voltei aos túmulos dos reis em Biban el Moluk; já é muito tarde, deles falarei amanhã.

Cheguei a bordo às 7 ¼. A vapor, voltarei a Luxor.

Esqueci-me de dizer que vi em uma parte do templo de Luxor, pinturas de uma igreja da Idade Média. As tapeçarias e as pernas de um cavalo estão sofrivelmente desenhadas.

Vi também no meio das ruínas interessantes antigüidades descobertas pelo Sr. Mounier.

Dia 22 de dezembro de 1876 – Parto hoje para Esneh --, antes, porém, devo falar dos túmulos reais. O vale que lá vai ter é de uma aridez absoluta, verdadeiro caminho de mortos cujo comprimento, a partir do Nilo, regula seis quilômetros. Todos os túmulos foram escavados na rocha e as câmaras interiores que se encontram nos outros e onde se reuniam os que honravam os mortos deviam ser grandes edifícios comemorativos construídos à entrada da necrópole, como por exemplo, no Ramesseium, o grande templo de Medinet-Abu; o número dos túmulos é de vinte e cinco.

Estrabão fala de quarenta mas, embora supondo que nesse cômputo não se incluam as sepulturas das rainhas, é preciso notar que os primeiros reis da XVIIIª dinastia não se acham em Biban el Moluk.

Aquém da série iniciada por Amenófis III, pode dizer-se que não há um único monarca, um pouco conhecido, até o último da XXª dinastia com exceção de Hórus, cujo túmulo falte em Biban el Moluk.

Horus tem um lugar cronológico até hoje incerto, e como foi o último da XXª dinastia, há quem pense encontrar-lhe o túmulo no vale de oeste, ao lado dos contemporâneos.

Comecei visitando o túmulo de Set I, cuja descoberta se deve a Belzoni. No gênero, é digno de figurar ao par dos mais notáveis monumentos do Egito.

É imenso e para percorrê-lo deve-se descer por três rampas de degraus muito suaves. As cenas dos baixos-relevos e as pinturas diferem inteiramente das dos túmulos comuns. Tudo ali é fantástico quimérico; os deuses têm formas exóticas.

Enormes serpentes, quase todas com três cabeças, rastejam pelos quartos e põem-se de pé, apoiadas às portas.

Há condenados que estão sendo decapitados e outros lançados às chamas. São as provas que o morto pode arrostar quando virtuoso. O túmulo não é senão a imagem figurada da alma até à morada eterna.

A grande sala do fundo mostra a definitiva admissão à segunda vida “que a morte não pode atingir”, reza a inscrição.

Quando Belzoni, o grande viajante cujo busto visitei na imensa sala do paço municipal de Bolonha ou de Pádua, descobriu o túmulo, jazia, no quarto do fundo, então entaipado por uma muralha, belo sarcófago de alabastro.

Belzoni mandou derrubar a parede por causa do som que emitia, quando perscrutada, indicando vazio.

No meio do quarto há um corredor que penetra no solo até certa distância e que mostra ter sido interrompido.

Como em todos os monumentos que se referem a Set I, os baixos-relevos, sobretudo os das diferentes divindades que rodeiam um dos quartos do fundo, são feitos com muita elegância e finura, embora ainda submetidas ao cânone tão constrangedor para o artista.

Vê-se uma sala inteiramente rodeada por uma espécie de altar cuja frente está cheia de pinturas.

Em certo lugar a cor amarela é vivíssima, como aliás acontece em quase todo o túmulo.

Há tetos abobadados cujas linhas e pinturas são belíssimas. Em parte alguma, porém, pude observar nas cores, no vermelho sobretudo, um polido luzidio parecendo verniz, tão perfeito quanto o dos túmulos visitados anteontem.

Os baixos-relevos pintados mais curiosos são os grupos, que se reproduzem, de quatro imagens cada um, representando as quatro raças conhecidas: egípcios, semitas, negros e brancos, com a pele, fisionomia e trajos característicos.

Vi depois o túmulo n.º XI (Wilkinson, numerado com tinta vermelha e algarismos gravados), o de Breio, chamado o dos harpistas.

Lá estava a múmia de Ramsés III, o túmulo, porém, não corresponde à câmara exterior, magnífica, do grande templo de Medinet-Abu.

Há também quartos notáveis, onde foram reproduzidos o mobiliário do rei, seus trajes de cerimônias, os produtos de seus jardins e hortas, o trabalho das herdades, suas armas e chicotes, as iguarias dos banquetes, etc., etc.

Num desses quartos se acham as famosas harpistas tão populares, graças ao desenho que delas tiraram. Em outro, as paredes estão cobertas de imagens da deusa, numa espécie de armário.

Afinal entrei nos nº 9 e 6 de Ramsés VI e IX. Nada contém de notável, a não ser no primeiro, imenso sarcófago de granito, quebrado, e no outro (acho que Mariette se engana no número que indica) certas imagens que me obrigam a dizer que o viajante deve vê-las, lembrando-se sempre de que o simbolismo religioso do Egito presta-se a extravagâncias que mal se podem referir.

No túmulo de Set vê-se uma barca arrastada por planos de níveis diversos, indicando a passagem das cataratas do Nilo; no de Bruche observei planos inclinados por onde desliza uma caixa, parecendo reproduzir o modo pelo qual o cofre da múmia chegava ao seu lugar no túmulo.

A noite estava estrelada, havendo lua que aumentava o efeito produzido pelo aspecto do vale dos mortos. Minhas recordações dali serão profundas.

“Os monumentos do Egito”, escrevi num livro dado pelo célebre egiptólogo Lepsius ao cônsul alemão de Luxor, “serão em todos os séculos uma das maiores fontes de prazer para os pensadores.”

Às seis da manhã saí de Luxor. Às 8 $\frac{1}{4}$ passávamos em frente a Ersut, à margem esquerda, a antiga Hermontis. Entre o rio e a aldeia o solo está juncado de destroços. Ali se encontram os cartuchos de Tutmés II, da XXIIIª dinastia (800 a.C.). À esquerda das ruínas existe um templo da época de Ptolomeu Alexandre e de sua mãe Cleópatra (100 a.C.) onde há cartuchos de Cesarião, o filho de Cleópatra e Júlio César.

Esse templo era dedicado a Harpekhruiti (Harpocrates dos Gregos), Hórus criança, símbolo do sol nascente.

Sinto bastante muito não ter visto a tábua geográfica, recentemente descoberta por Mariette, em Tebas.

A 20 telegrafei-lhe de Gurnah pedindo indicações precisas do local onde se acha.

Não respondeu ainda. Talvez sobre-me tempo de vê-la voltar.

Antes de chegar, vi à direita Djebel Gebelein (as duas montanhas) que apresentam contornos notáveis. Fiz um croqui dessas rochas.

Cheguei a Esneh às 10 e 40 minutos. Resposta de Mariette com as indicações. Na volta, hei de parar em Luxor. Visitei o templo de Esneh A sala hipostila - fachada e colunas - é da época romana. Vi cartuchos de Septímio Severo, Caracala e Geta. O fundo é da época grega e mostra que parte, pelo menos, foi construída por Ptolomeu Filopater.

Os capitéis das colunas demonstram trabalho delicado e cuidadoso.

A arquitetura, menos sujeita à influência hierática, pôde emancipar-se sob os gregos e romanos, ao passo que a gravura e a escultura caíram em decadência.

Mariette disse-me que a redação dos textos da sala é tão má, tão recheada de trocadilhos e de letras empregadas a esmo, que se torna preciso uma aptidão especial para adivinhar-se o sentido das frases.

Apesar da ascensão das muralhas nada se descobriu que esclarecesse a reconstituição da planta geral.

Encostada ao muro, onde se encontra a única porta visível, há uma espécie de grande nicho com baixos relevos que não parece mais recente do que a construção.

Contam que Champollion pôde ver o santuário onde conseguiu ler o nome de Tutmés III.

Dizem que as outras partes do templo jazem sob as casas da cidade, no meio das quais está encravada a parte que se pode visitar. Percorri as ruas onde existem restos da muralha exterior e de um cais feito com grandes blocos, que pertencia a uma antiga barragem do rio.

Às 12 $\frac{1}{4}$ desatracamos. Desembarcarei em El Kab para visitar os túmulos, entre outros o de Ankmés, chefe dos barqueiros, que serviu de assunto para uma memória de Mr. de Rougé.

Quando por ocasião da Exposição Universal de Paris pedi-lhe algumas obras, mandou-mas com as suas demais produções. Foi das primeiras que estudei na época em que comecei a ocupar-me com a egiptologia.

Conheci Mr. de Rougé em 1872 e foi, talvez, para atender a um pedido meu que reabriu o curso do Colégio de França, nesse ano, sentindo-se já bem doente.

Morreu pouco após o meu regresso ao Brasil. Será, pois, com vivo interesse que hei de visitar esse túmulo.

Esneh era a Latópolis de Estrabão (do peixe *latus*, venerado na cidade). Entretanto o nome hieroglífico é Chemma ou Seui.

Sete quilômetros à montante de Esneh, está El Kenon, onde começa a região do arenito calcário que os egípcios tanto empregaram nos seus monumentos do Alto Egito. Este lugar é o chiubês dos Ptolomeus.

Às 3 horas desembarquei em El Kab, a antiga Eileitias.

À margem direita, em face de Hieraconpolis, encontrou-se o nome do rei Usitarsen em uma pedra das ruínas.

Em meia hora atingi as colinas onde se acham os túmulos. Comecei pelo do monarca Fére, cujas paredes do quarto têm baixos-relevos representando cenas da agricultura, cultura da vinha, fabricação do vinho, caça e pesca, criação de gado, assim como de embalsamentos e preparação de múmias.

É curiosíssimo e contemporâneo da XVIIIª dinastia, assim como os demais.

Procurei detidamente o de Ankmés, e entretanto está a 30 passos do outro, à direita de quem sai.

Li na inscrição os cartuchos do rei Aahmés (Amasis dos gregos) e os de seu predecessor Ápriés. Não achei o de Tutmés I.

Aahmés distinguiu-se como chefe dos barqueiros, almirante contra os pastores, os Hicsos. A inscrição é muito conhecida. Observei no primeiro túmulo dahabiehs, cujas vergas tinham uma roda virando no convés para facilitar a manobra da vela.

Voltando a bordo, percorri durante 10 minutos, em passo rápido de burrico, os dois lados de um recinto de tijolos crus, que me pareceu antigo. Há no interior fragmentos de colunas dóricas como as que já descrevi, cheios de hieróglifos da decadência ou talvez mesmo da época romana. Também vi os restos de uma estátua ajoelhada – de pedra negra – com hieróglifos que me pareceram melhores como feitura.

Essas ribanceiras do Nilo estavam cobertas de monumentos; Tebas, porém, merecia bem o nome de cidade de cem portas.

Pelo que vi, a cidade e as duas margens do rio deviam ocupar extensões de mais de 12 quilômetros, de cada lado do Nilo. Segundo alguns papiros havia com o nome de Rua Real, uma comunicação direta entre o grande templo de Ramsés III, de Medinet Abu, e o templo meridional da margem oposta, perto do Luxor atual, que eu acredito ser o que percorri, embora encravado na aldeia atual.

Esqueci-me de dizer que também visitei, no dia de Medinet-Abu, um templo minúsculo, ao sul e próximo ao de Tutmés, da época dos últimos Ptolomeus.

Só pude avistar, de longe, (aliás nada ali interessa) o local dos lagos que serviam aos templos de Medinet-Abu. Cada qual tinha o seu para a passagem das barcas sagradas.

O lugar chama-se hoje Bisket-Abu.

Logo que cheguei a bordo, o vapor partiu para Edfu.

Desde ontem, encontro-me com o barco da companhia Cook para o transporte de passageiros até Assuan, de onde os que querem continuar até a 2ª catarata vão a cavalo até Filoe, para apanhar o outro vapor da mesma companhia.

Não tive ainda ocasião de dizer que observei na muralha setentrional do grande templo de Medinet Abu três gárgulas que parecem indicar que outrora ali chovia bem mais que hoje. No teto do templo de Esneh há um zodíaco; verificou-se, porém, que essa representação não tem a mínima importância para a cronologia.

Dia 23 de dezembro de 1876 - Às 7 desembarquei. Atravessei lavouras não tão belas quanto as de ontem, embora quase me cobrissem, a cavalo, verdade é que num burrico. Não cheguei a gastar meia hora para chegar ao pilono que se vê de longe, e está muito bem conservado.

Na fachada exterior, de cada lado da porta, vêem-se duas cavidades prismáticas, cujo fundo é vertical.

Atingem elas grande altura do pilono, que se eleva a 35 metros (dez menos que a coluna Vendôme) e parecem servir de apoio aos mastros de bandeiras que o ornamentavam.

As câmaras interiores do monumento cujas janelas quadradas se vêem de fora no alinhamento vertical das correições, serviram provavelmente para o levantamento dos mastros.

O templo de Edfu foi fundado por Ptolomeu IV Filopater.

O santuário e os quartos que o envolvem, a capela e toda a parte posterior, pertencem ao reinado desse Ptolomeu.

A decoração de algumas salas do centro é devida a Ptolomeu VI Filometor. A sala hipostila que forma uma espécie de fachada, à frente do edifício, é de Ptolomeu Filometor e de Ptolomeu IX e Evergeto II.

O corredor exterior tem de um lado os nomes desse Evergeto II e do outro os de Ptolomeu XI e de Alexandre.

O pilono foi decorado ou talvez mesmo construído sob o reinado de Ptolomeu XIII, Dionísios.

Entrando pela primeira porta do templo em frente ao pilono, tem-se à esquerda um quartilho de pedra encostado à muralha e chamado o quarto das estrelas segundo os hieróglifos que nos atestam que o rei ali se purificava antes de penetrar no santuário.

À direita, há uma outra, onde existe, em hieróglifos, a lista dos livros da biblioteca, chamada a bibliotheca.

Na parede interna da muralha exterior do templo, do lado sul, em frente à parte central, com que forma o corredor exterior, notam-se baixos-relevos curiosos, representando caçadas de hipopótamo por meio do arpão, com uma corda destinada a puxá-lo. O bruto tem, aliás, as patas traseiras amarradas por meio de cordas e correntes.

Ví ainda um crocodilo atravessado por um lançaço e comprida rede puxada por muitos homens e envolvendo pássaros, peixes, cabritos monteses, um belo veado e até homens prisioneiros.

Na parede exterior do templo, li o cartucho de Cleópatra. Baixos-relevos relativos a assuntos religiosos acham-se espalhados nos quartos que rodeiam o santuário, como em Denderah, cujo templo lembra muito a disposição deste.

A capela de Hor-hut, filho de Hator, e o Horut de Edfu, contem baixos-relevos de figuras mais bem feitas, e é o único onde se nota a imagem da barca do deus.

Numa parte do embasamento exterior do templo, hieróglifos que mostram que cada quarto tinha um nome, mencionando-se-lhes além disso as dimensões em côvados e meios côvados egípcios, de modo que pela medição dos aposentos, conhecem-se hoje as relações entre as medidas do antigo Egito e os metros.

O arquiteto do templo deixou a assinatura; chamava-se Ei-em-hotep-der-si-Phtá (Imhotep, o grande filho de Phtá).

No canto de um dos quartos, há um monólito de granito cinzento, talhado em forma de nicho, onde pude ter-me de pé e que foi deslocado do santuário, onde devia estar como em Denderah

Pode-se afirmar que o monólito foi lavrado por Nectanebo I (XXX^a dinastia) -- li o seu cartucho no interior -- para servir de naos (santuário) do templo, no local onde construíram o que existe.

No corredor exterior, do lado norte, desci por uma escada que vai ter a um reservatório comunicando com um poço, fora do templo, para receber a água do rio, cujo nível pode-se avaliar pelo do poço.

Há gárgulas, pelo menos, pela forma, como em Medinet Abu; mas essas não têm abertura. Seriam consolos como os do palácio de Medinet-Abu?

O pátio, vastíssimo, rodeado de colunas entre o pilono e a primeira porta do templo, é muito belo, assim como os capitéis das colunas, em estilo egípcio, alguns com palmas muito elegantes.

Nem todos são semelhantes e sim dois a dois, ocupando cada coluna um dos grandes alinhamentos do pátio.

Do lado do templo não há colunas, existindo duas salas, em continuação uma da outra, logo após a porta da entrada.

O templo tem ainda criptas em corredor e duas escadas para os terraços; a do sul conta várias rampas (seis ou sete) e a do norte uma única permanece. Nas paredes desta os baixos-relevos têm a face voltada para o lado da descida.

Nos terraços não há templo pequeno e sim, apenas, dois quartos.

Subi do lado norte de pilono. Que vista!

Li gravado numa pedra, no alto, o nome de Caillaud (1816), o célebre explorador da Abissínia e das nascentes do Nilo.

Voltando até quase a metade do caminho, passei para o lado sul do pilono, em cuja entrada li e copiei o nome do engenheiro Legentil com a seguinte data: Frimaire, an VIII, com o metro que ele traçara acima e à esquerda do nome.

Visitei depois, junto ao grande templo, outro, minúsculo, de Tifon, cuja imagem se repete nas frisas e acha-se também na parede do fundo.

Ouvindo ao guia Isambert, que acho excelente, embora um tanto atrasado, fui às colinas de arenito ver as grutas que ali há, trabalho totalmente infrutífero.

As 2 ½ estava a bordo e a caminho de Guebel Selsah Desde ontem à tarde o vapor encalhou diversas vezes, durante momentos, porém.

Ao passar por algumas cabanas de felas, noto que ainda não falei de certas construções ou antes fornos de terra anexos a essas cabanas que elas emolduram algum tanto e às vezes de modo bem original, segundo o gosto egípcio, inspirado pelos monumentos.

Os pombais por exemplo, têm a forma exterior dos pilonos. Abertos por baixo, neles guardam grãos e frutas para secar. Servem também de quarto de dormir no verão.

Brugsch emitiu a opinião de que as ranhuras de que falei poderiam ser o ponto de apoio não de mastros de bandarias propriamente ditos, e sim primitivos pára-raios.

Lembra-me isso o que imaginaram a princípio das hastes pontudas que coroavam o templo de Salomão para depois chegarem à conclusão de que serviam para impedir que os pássaros pousassem nas açotéias do templo, sujando-as.

O luar, hoje, não está tão belo como ontem.

Passei, no entanto, algumas horas deliciosas, deixando a imaginação divagar.

Acreditei a princípio que os templos eram orientados, mas penso agora, que suas fachadas se voltavam para o Nilo, o rio sagrado, que alimentava os lugares onde as barcas levavam as imagens das divindades e onde se representava a passagem das almas para o amenti (o inferno egípcio). Lá impunham-lhes provas... (O manuscrito imperial aqui se interrompe). ⁰⁰³

Nota do tradutor Taunay: Vários dos nomes próprios citados neste Diário devem ter sido incorretamente grafados devido à dificuldade de interpretação da caligrafia de D. Pedro II, muito apagada, quase sempre, e com os caracteres confusos de quem escreve às pressas. Procurou o tradutor identificá-los todos com os nomes inscritos nos mapas do Egito e nos livros de egiptologia de que pôde lançar mão; alguns houve, porém, cujos equivalentes não foram encontrados; é bom notar, aliás, que há fundas divergências na grafia de grande número dos termos e apelidos egípcios, segundo os diversos autores, como por exemplo Usitarseu, Urutersen, Usitersen, etc., etc.